

# A POLIGAMIA PATRIARCAL E A FAMÍLIA ARCAICA: AS OPÇÕES NÃO BÍBLICAS

Tania Torres\*

O modelo patriarcal de família adotado pelos primeiros patriarcas bíblicos ocasionalmente recebe críticas por causa de sua essência não monogâmica. O que se questiona é: como poderia Deus ter aprovado a estrutura familiar poligâmica no período patriarcal e, posteriormente, vir a condená-la? Será que houve, de fato, um momento em que Deus aprovou a poligamia ou esta foi simplesmente tolerada por falta de um modelo mais conveniente?

O que se pretende neste artigo é, através de um exame da estrutura da família arcaica e suas modalidades, numa perspectiva sociológica, demonstrar que a poligamia era um traço social dessa estrutura familiar nessa fase da história humana que, posteriormente, se desenvolveu em um modelo monogâmico mais rígido.

## O Conceito de Família

A família, de uma forma ou de outra, é a unidade primária da cultura humana e da sociedade. Muitas vezes não percebemos que, nela, marido e mulher não são geralmente parentes consanguíneos. Por isso, os laços de afinidade têm uma importância muito grande no conjunto da organização social de qualquer agrupamento humano.

Quando falamos de relações de sangue, afinidade e parentesco, deve existir um certo cuidado para que se evite a confusão desses termos:

as relações de parentesco são de dois tipos: a primeira [sic] baseia-se no sangue – é a relação de consanguinidade, a segunda baseia-se no casamento – é a relação de afinidade. A consanguinidade é também de dois tipos: linear e colateral. A consanguinidade linear é a vinculação que existe entre pessoas que descendem umas das outras. A consanguinidade colateral é a vinculação que existe entre pessoas que descendem de um antepassado comum mas não descendem uma da outra. As relações de parentesco criadas pelo casamento são determinadas pelos costumes.<sup>1</sup>

Sendo assim, o pai é um parente linear, mas o tio é um parente colateral, pois o filho descende do pai, mas não descende do tio – no entanto, tanto o pai quanto o tio têm o mesmo ascendente.

---

\*Tânia Torres é Bacharel em Sociologia, UFBA, professora de Sociologia do IAENE. Atualmente reside nos Estados Unidos onde prossegue seus estudos.

<sup>1</sup>Mischa Titiev, *Introdução à Antropologia Cultural* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972), 234.

Por conseguinte, quando falamos em família, logo nos ocorre a idéia de uma unidade social composta de pessoas unidas por laços de afinidade e de sangue. Mas o certo é que o termo família é um tanto vago e, em antropologia, pode significar quatro coisas diferentes:

- a) o grupo composto de pais e filhos;
- b) uma linhagem (seja ela patrilinear ou matrilinear);
- c) um grupo cognático, isto é, de pessoas que descendem de um antepassado comum;
- d) um grupo de parentes e seus descendentes, que vivem juntos.

Como se pode observar, torna-se difícil distinguir a família de um clã. Alguns preferem considerar a família como sendo a menor unidade social ligada por laços de consangüinidade, de afinidade e de adoção. É esse conceito de família que adotamos neste artigo.

#### Segundo Marion Levy Junior,

não existe nenhum caso conhecido de uma sociedade que não tenha famílias como subsistemas da mesma. Além disso, parece não existir nenhuma sociedade conhecida na qual a colocação inicial dos indivíduos deixe de ser em termos de família – e quase certamente de maneira preponderante, senão exclusiva, em termos de família. Não existe tampouco nenhuma sociedade conhecida na qual não somente o conhecimento básico inicial, mas uma parte substancial dele – isto é, o conhecimento que, institucionalmente, se espera seja partilhado por todos, ou virtualmente por todos os membros de uma determinada sociedade – não seja adquirido num contexto de família para a grande maioria dos membros da sociedade.<sup>2</sup>

### A Família Arcaica

Lewis Henry Morgan foi um antropólogo norte-americano que viveu entre 1818 e 1881. Apesar de advogado, muito se dedicou às questões da antropologia. Em 1878, publicou seu livro mais importante *A Sociedade Primitiva*, dedicado ao estudo da sociedade arcaica.<sup>3</sup> O grande mérito de Morgan foi ter sido um dos primeiros a realizar trabalho de campo. Ocupou-se do estudo da organização social e lançou idéias vigorosas a respeito da distinção social e da simbologia.

Morgan estudou os sistemas de parentesco e formulou uma teoria do desenvolvimento da família. Influenciado por Bachofen, acreditava que a primeira modalidade familiar a se difundir na sociedade arcaica tivesse sido a forma matrilinear (que teria precedido a patrilinear). De um estágio de promiscuidade generalizada, a família teria, segundo ele, atingido, posteriormente, sua fase monogâmica.

A organização social arcaica apresentava quatro modalidades distintas de família:

<sup>2</sup>Marion Levy Junior, *Notes on the Hsu Hypothesis*, em F. L. Hsu (organizador), *Kinship and Culture*, 34.

<sup>3</sup>L. H. Morgan, *A Sociedade Primitiva* (Lisboa: Presença, 1976).

a) família consanguínea ou malaia: fundamentada sobre o intermatrimônio de irmãos e irmãs (carnais e colaterais), no interior de um grupo;<sup>4</sup> família punaluana ou turaniana: fundamentada sobre o matrimônio de várias irmãs carnais e colaterais com os maridos de cada uma das outras no interior de um grupo (isto é, um grupo de homens era conjuntamente casado com um grupo de irmãs);<sup>5</sup>

b) família sindiásmica ou de par: fundamentada sobre o matrimônio entre casais singulares, mas sem obrigação de coabitação exclusiva (isto é, o casamento durava enquanto o desejassem as partes);

c) família patriarcal: fundamentada sobre o matrimônio de um homem com diversas mulheres.<sup>6</sup>

A estrutura familiar sofre a influência social, e a organização social é um aspecto da cultura, que reflete a ecologia, a subsistência, a ideologia e uma multidão de outros aspectos.

### **O Surgimento de uma Organização Familiar Monogâmica**

O conceito de família, para Morgan, é o resultado de um desenvolvimento por etapas, paulatino, sendo que seu estágio mais elevado seria o da monogamia. Essas etapas, contudo, não podem ser apontadas de maneira explícita ou rígida. Essa passagem se deu naturalmente, não afetando nem alterando as instituições, representando, no seu todo, o aparecimento de uma idéia de família.

As modificações que ocorreram na organização familiar arcaica, que era radicalmente estruturada, se atribuem ao desenvolvimento de duas poderosas forças sociais:

a) a organização gentílica, responsável pela transformação do sistema malaio no sistema turaniano;

b) o aparecimento da propriedade, com os respectivos direitos de posse e sucessão, que substituiu o sistema turaniano pelo monogâmico (também chamado de ariano).

A propriedade tornou-se tão poderosa que influenciou e modificou a estrutura orgânica da sociedade, trazendo com essas modificações, a possibilidade de determinar, com grande certeza, a paternidade dos filhos, o que outrora era impossível. Podemos concluir, então, que a propriedade deu novo sentido ao espírito humano.

O sistema punaluano outrora espalhou-se por toda a Ásia. O sistema consanguíneo, por sua vez, acabou desaparecendo, cedendo às pressões desse modelo. Isso serviu para reforçar uma estreita ligação entre o sistema gentílico e a estrutura de laços de parentesco.

As relações de parentesco observadas no sistema semítico (povos bíblicos) ligaram-se primeiramente ao sistema turaniano. Os parentes, próximos ou

<sup>4</sup>Nessa modalidade a família é necessariamente consanguínea.

<sup>5</sup>Esses homens não eram necessariamente irmãos entre si, embora, com frequência, o fossem.

<sup>6</sup>Em geral, essa modalidade familiar exigia o isolamento das mulheres.

afastados, ao se saudarem, evocam o laço de parentesco que os liga, e não o nome do indivíduo. Se essa pessoa não tem nenhum vínculo de parentesco, emprega-se a expressão “meu amigo”. O destaque desse sistema foi a atenção que deu a uma classificação minuciosa.

Os modelos sindiásmico e patriarcal, segundo Morgan, foram formas intermediárias sem grande influência. Pois, para ele, a família desenvolveu-se de uma forma inferior para uma forma superior, à medida que reduzia o campo do sistema matrimonial.

### Conclusão

O que se percebe, portanto, é que a existência de um sistema patriarcal poligâmico nos tempos bíblicos não deveria se-nos afigurar como algo surpreendente. Com base nos estudos realizados por sociólogos e antropólogos pode-se chegar à conclusão de que tal sistema era tolerado por Deus por falta, na época, da modalidade monogâmica adotada posteriormente pelas sociedades arcaicas.

O povo de Israel era um grupo social que, embora orientado por Deus, era susceptível às influências externas dos povos circunvizinhos. O ideal de Deus para Israel era o monoteísmo, mas ocasionalmente eles se desviavam para as práticas politeístas. Da mesma forma, o ideal de Deus para Israel era a família monogâmica; contudo, as pressões da sociedade arcaica, eminentemente polígama, o faziam incorrer em semelhantes costumes.

Não se trata, portanto, de uma tolerância piegas de Deus em relação a um ato pecaminoso e rebelde dos patriarcas israelitas, mas da misericordiosa compreensão, por parte de Deus, que Israel existia em meio a uma sociedade notadamente propensa às práticas poligâmicas.

Quando essa tolerância divina é criticada por cristãos mais rígidos, isso acontece porque eles não levam em conta que as opções não bíblicas de estrutura familiar seriam ainda menos compatíveis com o propósito de Deus de fazer da família a unidade básica de Sua igreja.

Quando aprovou a Seu beneplácito, Deus corroborou para a instituição de um modelo familiar que não apenas Se encaixa perfeitamente em Seu plano de redenção bem como provê a Seus filhos o meio ideal para que Se fortaleçam e cresçam nEle.